

## AS PRESENÇAS DA COR AZUL NA CULTURA VISUAL: UM ESTUDO A PARTIR DE WARBURG

VITOR MATHEUS SANDI SARAIVA<sup>1</sup>;

CAROLINE LEAL BONILHA<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – vitorsaraiva621@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - bonilhacaroline@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é parte de uma avaliação envolvendo uma série de estudos em desenvolvimento a partir da disciplina Iconologia da Arte II, do curso de Artes Visuais - Bacharelado, que envolve leitura de imagens, discussões sobre a história da arte e métodos de análises iconológicas desenvolvidos por diversos pesquisadores da época.

O principal objetivo do trabalho é levantar discussões acerca do uso da cor azul pelo homem no desenvolvimento das obras de arte, imagens e outras incorporações na cultura visual. Compreender e interpretar os caminhos, tanto simbólicos quanto literais, onde essa cor específica se manifesta ao longo da história da arte.



**Figura 1:** Prancha de imagens baseada na *Atlas Mnemosyne*, 2024. Fonte: do autor.

A principal metodologia de pesquisa é uma adaptação baseada na obra *Atlas Mnemosyne* (WARBURG, 2020), obra do pesquisador alemão Aby Warburg (1866-1929).

Baseado nos modelos de estudo para leitura iconológica criado por Warburg, foi realizado uma prancha (ou painel) contendo diversas imagens (majoritariamente obras de arte) (**Figura 1**) que dizem respeito à cultura visual no mundo produzida por diversas civilizações e sociedades.

“Mnemosyne não foi apenas o nome que Warburg fez gravar na entrada interna da Biblioteca de Hamburgo. Seria, também, o título que deu a outra grande obra (e paixão) que empreende-rá desde 1924, a saber, a ‘construção’ de um Atlas de imagens. Mnemosyne [Der Bilderatlas Mnemosyne (Warburg, 2000)], isto é, segundo seu próprio desejo, ‘Uma História de Arte sem palavras’ ou, ainda, uma ‘história de fantasmas para pessoas adultas’ (SAMAIN, 2011).

De acordo com os apontamentos pelo autor Etienne Samain (2011) em seu artigo sobre a obra de Warburg, nota-se que os estudos envolvendo a *Mnemosyne* são um ótimo instrumento para pensar estudos imagéticos, e que também foram o ponto de partida para buscar resoluções acerca desta pesquisa em questão.

## 2. ATIVIDADES REALIZADAS

Pensando os métodos de estudo de Warburg, junto a reflexões propostas por autores acerca destes fazeres condizentes com a Biblioteca de Warburg. Como DIDI-HUBERMAN (2012) em seu artigo, que cita as imagens como importantes documentos históricos, como força imponente que marca presença de acordo com seu tempo e carrega consigo um certo tipo de ardência, o tema principal retratado na pesquisa é o uso da cor azul, onde, na criação do imaginário visual humano têm um grande atravessamento geográfico e temporal que percorre o material desta prancha.

Compreendendo tal diversidade de conteúdo envolvendo a temática, foi realizado, até o momento, três percursos de leitura, discutindo as funções, representações e eventual origem do pigmento azul e seus tons, quando empregados na arte visual ao longo dos anos.

O primeiro caminho, intitulado de **O Azul Emotivo** diz respeito a uma gama de representações dessa cor que envolve questões psicológicas e emocionais da humanidade. Esse padrão se intensifica na arte moderna junto das vanguardas, com a vontade do artista de se expressar mais livremente sem a necessidade de representar fielmente propriedades físicas da realidade. A partir daí, a cor azul poderia ser empregada de formas a estarem relacionado a psique humana.

De acordo com estudos e observações mencionadas no livro “A Psicologia das cores: Como as cores afetam a emoção e a razão”, o uso da cor azul evoca sentimentos relacionados a frieza, melancolia, tranquilidade, intelecto, simpatia e estabilidade (HELLER, 2002).

Um exemplo notável abordado por este percurso é a pintura “Des pauvres au bord de la mer” de Pablo Picasso, que é parte de seu famoso Período Azul, onde Picasso se apropria desta cor específica para expressar a frieza e a melancolia em suas obras. A pintura retrata um grupo de pessoas, presumidamente uma família, próxima ao mar.

A cor azul aqui invade os elementos visuais para além do céu, das roupas das figuras e da água, tomando praticamente todo o aspecto cromático da obra. As três pessoas aparentam estar cabisbaixas, olhando para o chão com um semblante fechado, em silêncio, reflexivos, abalados. O título da obra, traduzido literalmente do francês, revela: “Pobres à Beira-Mar”, que traz um contexto de possível situação vulnerável da qual esse trio se encontra, enfatizando o valor

emocional junto à cor azul, que também é incorporada de formas muito similares nos trabalhos desse mesmo período de Picasso. Outras obras presentes com uma leitura psicológica são “On the Pont de l’Europe” de Gustave Caillebotte e “Halbzeit” de Michel Mejerus.

O segundo percurso, nomeado **O Azul como Símbolo de Autoridade** refere-se ao conjunto imagético onde a cor é usada para indicar a presença de uma alta posição hierárquica ou figuras importantes na sociedade. É importante ressaltar que a discussão de uma "autoridade" trajada em azul enfatiza um efeito psicológico também, considerando as sensações de tranquilidade e estabilidade mencionadas anteriormente, parte da primeira leitura. Ou seja, uma espécie de sujeitos poderosos, porém não opressores.

Além das posições de poder tradicionais exercidas por pessoas envoltas na cor azul (Como policiais e a realeza), há também a figura da divindade, que de certa forma faz parte de um conjunto de autoridades. Personagens religiosos e presenças divinas (em geral) fazem aparições variadas em culturas e são acompanhadas por esta cor. As origens de tais representações se estendem até os primeiros usos de pigmentos azuis, no Egito Antigo. Existem exemplos típicos vindos tanto do ocidente quanto do oriente.

Há de citar as inúmeras pinturas antigas de Virgem Maria com a(s) criança(s) e suas demais releituras; paredes e tetos de catedrais; além de sarcófagos egípcios. Em uma visão de mundo contemporâneo, essa “autoridade de confiança” é trazido para o design para logotipos de empresas e ongs, como a ONU, a Meta e a Intel.

É provável que a representação destas grandes figuras de autoridade esteja atrelada ao fato de que os pigmentos azuis foram (e de certa forma, ainda são) os mais caros dentre todas as outras cores, o que valoriza sua imagem. No livro “A cor na arte” há uma série de leituras históricas que enfatizam essa preciosidade:

“O azul, que ainda é o pigmento natural mais caro, é fabricado a partir do lápis-lazuli, uma pedra semipreciosa dura, que há pouco tempo só era extraída no Afeganistão [...]. O azul-ultramar também era extremamente caro devido ao seu trabalhoso e demorado método de preparação.”

(GAGE, 2012.)

Uma terceira identificação de padrões do painel revela uma forma mais tradicional de expressão: **O Azul como Representação Naturalista**, onde não há uma incorporação tão direta de elementos simbólicos, já que o foco está no azul que “imita a realidade”, indo em direção de um caminho mais literal de acrescentar tal cor às imagens. Nesse caminho, destaca-se as visualidades do céu, das águas e da natureza das coisas em nosso planeta.

Vale ressaltar os estudos Da Vinci e outros polímatas, que na época influenciou significativamente como os pintores criavam suas composições e organizavam suas camadas de cores azuladas a fim de buscar a ilusão visual de infinitude, observada nas perspectivas de profundidade das paisagens.

“Na natureza, as cores tendem a mesclar-se com o azul do ar atmosférico, influenciando nas mutações cromáticas. [...] Durante o Renascimento, vários aspectos desse fenômeno foram estudados por Leonardo da Vinci, sob a denominação de perspectiva aérea.”

(PEDROSA, 2009.)

Num geral, esse percurso de leitura traz à tona a forma mais comum do uso dessa cor, usada diversas vezes ao longo dos tempos por todos os tipos de artistas, designers e produtores de imagem, de forma abrangente.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos realizados até o momento, junto aos percursos de leitura em andamento, percebe-se que buscar a cor azul no contexto da iconologia revela uma história mais profunda sobre elementos cromáticos controversos, considerando as origens do pigmento, a pedra de lápis lazúli e a comercialização e valorização desse e de outros materiais azulados que influenciaram diretamente no simbolismo que essa cor carrega até a contemporaneidade. É uma cor muito mais intrigante do que parece, e sua raridade na época interessou pesquisadores para além do campo da arte.

Quando chega à arte contemporânea e na cultura pop, com a expansão, acesso e excesso exponencial às imagens, o azul adquiriu uma gama de usos que se ampliam, tornando as leituras iconológicas mais difíceis de serem filtradas dentro dos percursos abordados, já que há muita ambiguidade e contradição para com o azul na cultura de hoje em dia.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WARBURG, A. **Bilderatlas Mnemosyne – The Original**. Berlim: Ed. Hatje Cantz, 2020.

SAMAIN, E. As “Mnemosyne(s)” de Aby Warburg: Entre Antropologia, Imagens e Arte. **Revista Poiésis**, Rio de Janeiro, n 17, p. 29-51, jul. de 2011.

DIDI-HUBERMAN, G. Quando as imagens tocam o real. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 206–219, nov. 2012.

HELLER, E. **A psicologia das cores: Como as cores afetam a razão e a emoção**. São Paulo: Ed. Gustavo Gili, 2013.

GAGE, J. **A Cor na Arte**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2012.

PEDROSA, I. **Da cor à cor inexistente**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2009.